JOSÉ VERISSIMO

A AMAZONIA

Bibliotheca do *Jornal do Brazil*

A Amazonia

(ASPECTOS ECONOMICOS)

POR

JOSÉ VERISSIMO

RIO DE JANEIRO

Typographia do *Jornal do Brazil*—Rua de Gonçalves Dias n. 56.

1892

Bibliotheca do *Jornal do Brazil*

A Amazonia

(ASPECTOS ECONOMICOS)

POR

JOSÉ VERISSIMO

RIO DE JANEIRO

Typographia do *Jornal do Brazil*—Rua de Gonçalves Dias n. 56.

1892

Estes artigos, publicados em Agosto e Setembro no *Jornal do Brazil*, são apenas uma succinta informação, incompleta e sem novidades, de uma região menos conhecida do grosso do publico, e certamente merecedora de attenção e estudo. Não se busque nelles outra cousa, que não caberia talvez nem na competencia do autor nem em artigos de jornal.

J. V.

Rio, Fevereiro de 92.

A AMAZONIA

I

A Amazonia, sabe-se, é a vasta região occupada pelos dous estados do Pará e do Amazonas.

Segundo os melhores calculos tem essa consideravel parte do Brazil cêrca de tres milhões e cincoenta mil kilometros quadrados.

A sua escassa popolação, espalhada pelas margens dos seus innumeraveis rios, não chegará talvez a 800 mil habitantes.

Ninguem ignora quão defficientes são os nossos dados estatisticos. Impossivel é dizer, ao menos com probabilidade de acertar, a população da maioria dos nossos estados.

A do Amazonas, bem como a do Pará, é incerta, e, a falar a verdade, vagamente hypotheticos os calculos até agora feitos. Quanto aos pretendidos recenseamentos, creio merecem ainda menos fé que taes calculos.

O que ultimamente se effectuou quasi posso affirmar que, no Pará ao menos, dará resultados completamente falhos.

A população da Amazonia tem, entretanto, augmentado muito: 1° pela copiosa emigração cearense que desde 1877 não cessou até hoje; 2° pelo excesso de nascimentos, em uma região onde a população, como o reconheceráõ quantos a conhecem, é excessivamente prolifica, e onde, em que pese a uma erradissima e tambem vulgarissima opinião, a mortalidade é diminuta.

Não tenho prova directa deste augmento de população, mas como indirecta ahi está o considerabilissimo augmento das rendas publicas, consoante mostrarei.

Só no rio Juruá, ainda ha poucos annos quasi deserto, calcula-se geralmente no Amazonas que haja cêrca de quarenta mil habitantes, pela sua maioria cearenses e seus descendentes.

Julgo, pois, não estar longe da verdade computando em perto de 800 mil habitantes a população da Amazonia, sendo cêrca de quinhentos e cincoenta mil para o Pará e cerca de duzentos e cincoenta mil para o Amazonas.

Sómente a capital do Pará, a cidade de Belem do Pará, que ha quinze annos teria quarenta mil habitantes, tem hoje seguramente cêrca de oitenta mil. O serviço da decima urbana do estado registra perto de dez mil habitações.

E', talvez, de todas as capitaes do norte, a unica, com Manáos, que apresenta notavel desenvolvimento e engrandecimento.

Esta vasta região, a Amazonia, é, geographica e historicamente, distincta do Brazil.

Geographicamente ella forma por si só (abstrahindo a Amazonia estrangeira: parte do Perú, Bolivia, Equador, Colombia e Venezuela) um todo que nada tem de commum com o grande planalto central do Brazil que lhe succede, nem com a região maritima oriental.

Ella é um valle distincto, e uma bacia distincta: o valle e a bacia do Amazonas. Se o referido planalto pelo Madeira, pelo Tapajós, pelo Xingú e pelo Tocantins, lhe envia, em larga cópia, as suas aguas, esse é o unico ponto que de commum têm.

Se na geographia comprehendermos tambem a fauna, a flora e mais caracteres physicos, mais accentua-se ainda essa distincção.

Crescido numero desses caracteres é peculiar a essa região.

Historicamente, tambem, ao menos até 1823, isto é—durante o periodo constitucional da sociedade brazileira, conservou-se a Amazonia não só distincta do Brazil, como socialmente alheia a elle.

O Estado do Maranhão, sem embargo do nome, foi realmente o Estado do Pará ou do Grão-Pará, em que depois se transformou,e que comprehendia toda a Amazonia actual.

Esse Estado do Grão-Pará mereceu sempre do governo da metropole os maiores e mais serios cuidados. Sua administração foi distincta da do Estado do Brazil, como distincta foi em geral a sua legislação.

Esta incontestavel differenciação geographica e historica faz da Amazonia uma região especial no Brazil e explica as tendencias separatistas que, não ha negar, existem evidentemente nos dous estados de que se compõe, principalmente no Pará.

A longa luta civil que assolou a antiga provincia do Pará de 1821 a 1835 ou, antes, até 1842, em que foi ella realmente pacificada, ainda

mais profundamente veio separar essa parte da sociedade brazileira da do sul, deixando ao mesmo tempo um fermento, um resaibo de motins, de que acabamos de ter um, felizmente mesquinho, renascimento...

Em terra em que tão excitadas são desde longos annos as paixões politicas e as animosidades partidarias, e terra tão longa e largamente trabalhada pelas lutas civis e pelos motins politicos, sabio é apagar e extinguir todas as causas que possão reavivar odios e accender dissensões.

O facto que apontei, da singular situação geographico-historica da Amazonia, respeito ao Brazil, e de um certo espirito de desapego nacional e separação que, no fundo, existe em suas populações e que aquellas circumstancias explicão e, em caso extremo, justificarião, deve merecer á Republica a mais séria attenção.

Se a unidade brazileira é a grande obra da monarchia, a conservação dessa unidade deve ser a grande preocupação da Republica.

Certo, a Amazonia, e, neste caso devo especialisar o Pará, onde mais forte é o espirito

a que alludo, certo a Amazonia não pensa em separar-se; mas a unidade da patria, que cumpre seja principalmente moral, que importa esteja sobretudo na vontade de, unidos, vivermos continuando e augmentando, no conceito de Renan, o nosso patrimonio nacional, não deve nem póde estar á mercê de fortuitos e imprevistos acontecimentos, em que tal espirito e tendencias possão acaso encontrar propicio ensejo para se manifestarem ou azada occasião para se realizarem.

Quando se discutio a actual Constituição da Republica, um facto que certamente não escapou aos espiritos que sem, paixões nem preoccupações interesseiras, obervavão esse grave momento da nossa vida politica, foi a luta franca e sem rebuço do espirito particularista dos estados contra a União que, em discurso notavel, um dos mais conspicuos republicanos historicos, o Sr. Ubaldino do Amaral, creio veio defender, appellidando-a, se me não engano, de orphão desamparado, ou dando-lhe quejando qualificativo.

Vivaz resalta dessas discussões esse espirito mal disfarçado sob o aspecto da paixão

federalista, e ha quem creia que, se em vez de militar, fosse civil a revolução e o governo de 15 de Novembro, se teria quiçá desmembrado o Brazil.

Velemos para que se não desintegre a grande patria brazileira, e para que os estados como Pará e Amazonas, nada obstante a sua singular situação geegraphico-historica, se lhe conservem moral e politicamente unidos.

No caso especial desta região, porventura a mais futurosa do Brazil, preciso é que não continúe a ser tratada com o pouco apreço com que tem sido, assim como que os seus governos, longe de lisongearem as referidas tendencias, se esforcem por orientar a sua civilisação no sentido nacional.

II

Se no conhecidissimo dizer de Herodoto é o Egypto um dom do Nilo, a Amazonia, póde-se tambem asseverar, é um dom do Amazonas.

Singularmente errado se me affigura o conceito do Sr. Sylvio Romero, em a sua *Historia da Litteratura Brazileira*, de que o grande rio seja antes um estorvo que um elemento favoravel áquella região. O contrario é a indiscutivel verdade.

Sem o Amazonas, e, portanto, sem a vasta e unica rede hydrographica, cujo centro é essa região de mais de trez milhões de kilometros quadrados, seria um Sahara, ou, antes, um Atacama.

Uma simples comparação põe em evidencia este asserto. Coteje-se a situação commer-

cial do valle do Amazonas com o do S. Francisco.

Que profunda e enormissima differença em favor daquelle! Imagine-se agora, que o S. Francisco, em vez de ser um rio quasi innavegavel, fosse francamente navegavel, como o é o Amazonas, mesmo por transatlanticos; qual não seria a situação do riquissimo valle desse rio, hoje tão precaria ainda?

Tem sido tantas vezes descripta esta bacia, unica no mundo, que me forro á obrigação de fazê-lo. Por menos conhecedores que nos supponhamos das nossas proprias cousas, não farei ao leitor a injuria de julgar que desconhece a hydrographia de uma das mais bellas, e, quiçá, da mais auspiciosamente promettedora região do Brazil.

Aliás, em suas grandes linhas, é facil e simples essa maravilhosa rêde de communicações fluviaes.

Nessa vasta planura de tres milhões de kilometros quadrados, onde nenhuma elevação talvez attinja a mil metros, baixa, humida, verde sempre, estende-se de oeste a leste, larguissimo, volumoso, barrento, ora calmo como

um lago, ora agitado como um mar, a mais consideravel massa de agua doce do globo, o rio-mar de Agassiz, o Amazonas.

No Brazil sómente, na Amazonia, que elle fórma e córta em duas metades quasi iguaes, corre elle por tres mil e oitocentos kilometros navegaveis e navegados!

A Estrada de Ferro Central do Brazil, ha mais de trinta annos em construcção, apenas escassamente percorre cêrca de mil kilometros; sómente a arteria principal da grande bacia amazonica, o Amazonas, leva quasi directamente os productos e a civilisação do mundo occidental aos reconditos sertões, onde, não fôra elle, quem sabe quando chegarião sequer as communicações do proprio paiz!

Duas mil e setenta e oito milhas ou quatro mil quinhentos sessenta e um kilometros são as milhas de navegação (o que explica a differença com o numero acima) feitas por um numero consideravel de navios a vapor, desde Belem do Pará até Tabatinga, a ultima povoação brazileira, subindo o grande rio, isto é—mais de metade de todo o transito de caminhos de ferro do paiz!

Para este tronco principal desce, ou dos planaltos andinos e das terras altas das Guyanas, ou do planalto brazileiro, crescidissimo numero de caudaes affluentes, alguns quasi tão grandes como elle.

Não citemos senão os maiores, aquelles cuja extensão varia de mil e quinhentos a tres mil kilometros. São, na margem esquerda: o Içá, o Japurá, o Negro, o Trombetas; na direita: o Javary, o Jutahy, o Juruá, o Teffé, o Coary, o Purús, o Madeira, o Tapajós, o Xingú.

E, repare-se, que não cito nem o Uatuman, nem o Urubú, nem o Jatapú, nem o Parú, nem o Jary, nem o Curuá, nem innumeros outros que, embora navegaveis em grande parte, não são effectivamente navegados.

Carecemos de dados absolutamente precisos sobre a maravilhosa navegação amazonica, falta lamentavel que o menosprezo com que se tem entre nós tratado quanto á estatistica se refere explica.

Os que possuimos varião infelizmente de modo a não ser possivel juntar-lhes inteiro credito.

Entretanto, vamos dar alguns algarismos

tomados principalmente a um excellente e utilissimo trabalho publicado sob o titulo de *Commercio e Navegação da Amazonia e paizes limitrophes*, pelo Sr. Luiz R. Cavalcanti de Albuquerque, distincto empregado de fazenda, e a outras fontes, como o livro de Alfredo Marc—*Le Brésil*.

São dados fornecidos pelas companhias e emprezas de navegação; têm, portanto, um caracter official.

Navegação effectiva:

De Belem a Tabatinga, por Manáos	2,078	milhas
Rio Madeira.	1,204	»
Rio-Negro	627	»
Pio Parú.	2,104	»
Affluentes do Purús. ..	1,060	»
Rio Juruá	2,964	»
Rio Javary e seus affluentes..	750	»
	10,787	»

Temos, pois, que, sem contar a navegação do Rio-Branco, do Japurá, do Içá, do Jutahy,

do Teffé, do Coary e dos canaes secundarios, *furos* e *paraná-mirins*, na linguagem amazonica, muitos navegados, sómente o estado do Amazonas, descontadas as novecentas e noventa e seis milhas de navegação de Belém a Manáos, tem uma navegação fluvial effectiva de nove mil setecento e noventa uma milhas geographicas ou mais de vinte e um mil kilometros!

Accrescente-se a este formidavel algarismo mais:

De Belém a Manáos.. ..	996	milhas
De Belém a Macapá. ..	431	»
Rio Tapajós.	209	»
Bahia de Melgaço e bacias secundarias do Uanapú e Pacajá (Belém a Piriá e Belém a Portel).	730	»
	2.386	

Faltão-nos dados não só para os rios citados do estado do Amazonas—Içá, Japurá, Jutahy, Teffé, e Coary, todos navegados em consideravel extensão, e infelizmente tambem para rios da importancia do Tocantins, Xingú

e do Capim, no estado do Pará, igualmente navegados em grande parte do seu curso.

O mais perfunctorio conhecimento da Amazonia, porém, nos concederá sem difficuldade que sem o minimo exagero, antes ficando áquem da verdade, podemos dar a cada um desses rios quinhentos kilometros de navegação, o que faz, para os oito rios citados, quatro mil kilometros.

Resumindo estes dados temos na Amazonia brazileira uma navegação effectiva de mais de trinta mil kilometros, sendo que neste calculo não contamos nem a navegação de Soure (ilha de Marajó), nem a da Contra Costa (mesma ilha) nem a da região maritima sul-oriental (rio Pará), nem a dos rios relativamente pequenos, como o Guamá, o Moju, Cairary, Acará, etc., o que certo elevaria aquelle numero a mais de quarenta mil kilometros, ou o quadruplo de toda a viação ferrea da Republica.

Vejamos agora a importancia do commercio servido por esta admiravel rêde fluvial e que mantem esta consideravel navegação.

III

Todos os productos que constituem a riqueza publica da Amazonia, se exceptuarmos o cacáo, e em menor escala, a canna de assucar, são naturaes. Afóra aquelles dous, que são objecto de cultura, todos os mais offerece-os a dadivosa natureza daquella região a quem os queira colher e aproveitar.

As industrias extractivas formão, pois, a sua grande riqueza.

Os productos que a constituem são, como sabe-se, a borracha, a castanha (impropriamente conhecida na Europa por do Maranhão), a salsaparrilha, o oleo de copahyba, o marfim vegetal (jarina), a piassaba, as madeiras de toda a especie, o urucú, e, cultivados, o cacáo, a canna de assucar, e, em escala ainda menor, a mandioca.

Está claro que nos não referimos senão aos productos que mais ou menos são objecto de commercio interno ou externo e, portanto, factores da renda publica.

Fôra, quiçá, enfadonha a enumeração de todos os productos naturaes que ainda aguardão a iniciativa, o esforço das populações da Amazonia, para se tornarem outros tantos factores da sua riqueza.

Basta citar por alto os seus grãos e cocos oleoginosos; as variadissimas fibras textis da sua incomparavel variedade de palmeiras, lianas e bromelias; os productos medicinaes, oleosos, tincturiaes, da sua admiravel flora, que apenas esperão uma industria que os utilise e a qual pagaráõ com avultado juro.

Não esqueçamos tambem os productos da pesca, principalmente a do *pirarucú*, que é para as populações amazonicas o grande recurso alimenticio, o que é a carne secca para as populações de Rio-Grande do Sul ou do Ceará.

Na ordem da sua importancia commercial eis como se escalão os varios generos de exportação da Amazonia, segundo a sua quanti-

dade e valor official, nos annos de 1886 a 1889 inclusivè, conforme uma estatistica official e inedita da alfandega do Pará, que devo á amabilidade do digno inspector dessa repartição, o Sr. L. R. Cavalcanti de Albuquerque:

Generos	Quantidade	Valor official
Borracha.....	43.424.191 kls.	89.754.610.164
Cacáo.....	17.526.674 »	8.513.589.331
Castanha.....	284.177 hect.	2.030.852.743
Couros.....	3.151.768 »	473.193.689
Grude de peixe.....	218.617 kls.	347.924.815
Oleo de copahyba.....	51.017 lits.	55.657.200
Madeiras.....	9.191 m.3	48.968.786
Cumarú.....	61.147 kls.	42.186.611
Urucú.....	46.039 »	15.147.440
Salsaparrilha.....	3.661 »	5.507.132
Varios generos.....	218.617 »	16.320.497

Vê-se d'este quadro que em um valor official de 101.584.172.033, no ultimo quatriennio liquidado tres productos sómente—a borracha, o cacáo e a castanha-entrão por 100.299.052.238 dos quaes quasi 9/10 pertencem ao grande producto amazonico, a borracha.

Esta singular situação da borracha, domi-

nando com tanta preeminencia um mercado que nella basea todas as suas operações e especulações, entra por muito na producção das crises periodicas do commercio amazonico.

Este commercio da borracha tem uma psychologia, se me permittem assim dizer, curiosa e especial.

Eis, em largos traços, a sua organisação.

A exploração da borracha faz-se de Junho a Dezembro, em determinadas regiões do grande valle.

No estado do Pará, na conhecida pelos nomes de Ilhas, que comprehende todas as do archipelago de Marajó até á foz do Xingú, ou, antes, entre a foz deste rio e o mar, incluindo tambem partes continentaes como as margens do Jary e a dos rios da bahia de Melgaço.

Toda a borracha dessa região entra no mercado do Pará sob o nome de borracha das Ilhas, como, sob a mesma denominação, é tambem conhecida a do rio Xíngú, o que é realmente abusar daquelle nome de Ilhas. Do Tapajós vem hoje pouca borracha, como alguma vem do Capim, do Guamá, do Acará, do Mojú, e de outros rios da região oriental fluvial.

Depois das ilhas é o Tocantins que, no Pará, mais borracha produz.

No estado do Amazonas, salvo talvez o Içá e o Caquetá, produzem-na todos os outros rios.

A' primeira vista parece que os grandes seringaes daquelle estado devão produzir mais que a relativamente limitada região do Pará onde se «tira a seringa», consoante a expressão local. Entretanto assim não é.

Temos aqui duas estatisticas do commercio da borracha: uma do Sr. Rud Zietz, representante da casa Bieber, de Londres, e outra da casa Norton & C., do Pará, os terceiros compradores desse producto naquella praça.

A primeira accusa para o anno de 1890 uma producção de 16590 toneladas de 1.000 kllogrammas e a segunda 16560 toneladas.

Segundo a primeira o estado do Pará entra naquella somma por 7.507 toneladas e o do Amazonas por 9.083. Importa considerar, porém, que neste algarismo está incluida a borracha do Perú e o caucho, especie de borracha peculiar áquella republica, e ainda a da Bolivia que,

sahindo por via de rios brazileiros, como o Madeira e o Purús, é quasi impossivel, attentas as condições da nossa fiscalisação, distinguir da propriamente tirada em territorio brazileiro.

A borracha do Perú e o caucho (da mesma procedencia) representão no citado anno de 1890, segundo a estatistica da casa Rud Zietz, 670 toneladas, o que, se não torna inferior a producção do Amazonas, não obstante accrescida, como disse, pela da Bolivia, mostra que não é ella sensivelmente superior á do Pará.

Releva ainda notar que a estatistica da casa Norton dá somente para o caucho, em 1890, 930 toneladas, sendo que a do Sr. Zietz deixa em branco a columna da borracha proveniente de Jurimaguas, o que talvez explique a differença.

Não será demais, penso eu, dar por miudo as procedencias daquellas 16,590 toneladas computadas pela estatistica Zietz:

Estado do Para'

Ilhas: Macapá, Chaves, Breves..	5,606
Tocantins.	643
Xingú..	492

Jary. .. .., ...	184
Tapajós	379
Obidos (municipio).	53
Diversos..	150
Total..	7,507

ESTADO DO AMAZONAS E PAIZES LIMITROPHES

Manáos	3,475
Maués..	19
Purús	1,672
Juruá	668
Madeira .. .. ,.	1,751
Diversos..	77
Iquitos.	459
Caucho	962
Total..	9,083

Manáos, capital do Amazonas, acha-se ligada á Europa pela linha de vapores *Red Cross*, de Liverpool, e com os Estados-Unidos pelos vapores da *Booth Line*, tambem de Liverpool. Mediante estas communicações exporta o Amazonas directamente uma já con-

sideravel quantidade de borracha, muito inferior, todavia, ao que póde vir a ser.

Se a producção do estado do Amazonas é igual, se não inferior (notar que é augmentada pela do Perú, pela da Bolivia, e ainda pela de Matto-Grosso) a exportação dos dous estados é sensivelmente desigual.

Assim, em uma exportação de 16,395,987 kilogrammas, que foi a de 1890, a de Manáos representa apenas o algarismo de 3,691,961, ou apenas 1/5 da exportação total.

IV

Até 1877 quem extrahia, ou, antes, quem «tirava», para usar da expressão amazonica, a borracha, a qual já naquelle anno se elevava a uma consideravel somma de kilogrammos, era exclusivamente o indigena amazonico: o caboclo ou tapuio e o mameluco.

A sempre escassa população escravá da região quasi se não occupou jámais nas industrias extractivas, sobretudo na da borracha. Os escravos empregavão-se ou na lavoura do cacáo, da canna e da mandioca, ou em serviços domesticos. Por isso na Amazonia, mais do que em outra parte do Brazil, foi insensivel a extincção do elemento servil.

Além do indio brazileiro, semi-selvagem ou já meio civilisado *(tapuio)* e do seu descen-

dente o mameluco, empregavão-se na extracção da borracha os indios das regiões estrangeiras limitrophes, bolivianas ou peruanas, dos quaes se fazião verdadeiros *descimentos* quaes os das épocas coloniaes.

Se a escravidão negra quasi havia desapparecido da Amazonia na época da emancipação geral dos escravos, com ella existia concommittantemente a escravidão india que, affirmo, continúa depois della existir, sobretudo nas regiões afastadas da extracção da borracha, como o alto Madeira e o alto Purús.

Ahi o indio e o tapuio (que é o indio já entrado em a nossa civilisação e completamente afastado da vida selvagem) são ainda e muitissimas vezes escravos. Como tal surrados, como tal vendidos (menos o instrumento publico) como tal doados ou traspassados, sem consulta á sua vontade, de patrão a patrão.

E' esta gente, dizia eu, que até 1877 fazia a extracção da borracha.

De 1878 em diante os seringaes forão invadidos pelos «retirantes» cearenses, acossados pela sêcca.

Invadidos é o termo proprio, porque uma

verdadeira invasão foi; e rios, como o Juruá, até então apenas conhecidos e quasi não explorados, tiverão em pouco suas margens cobertas por uma população de cêrca de quarenta mil pessoas afadigadas no «fabrico» da borracha, consoante a expressão local para indicar aquella exploração.

Hoje são o tapuio e seus descendentes e o cearense que fazem essa extracção.

Ou trabalham por conta propria, alojados na miseravel palhoça tão conhecida do viajante amazonico, sob o nome de «barraca de seringueiro», ou por conta de um patrão que eleva á beira de um destes rios a sua casa de commercio, onde vem-se surtir aquella população nomade convizinha, e onde se centralisa a borracha ali colhida, seja pelos trabalhadores independentes (cousa rarissima) seja pelos assalariados.

O «barracão do seringueiro» como quasi todas as construcções feitas nos terrenos em geral alagadiços dos seringaes, eleva-se sobre uma estacada de madeira, alguns palmos ou metros acima do sólo. Geralmente possue uma ponte onde atracão os vapores e por onde se faz

a carga e descarga das mercadorias; e, de commum, é todo construido de madeira, e coberto de palha.

No Madeira, que é a mais adiantada das regiões de extracção de borracha, e mesmo no Purús, encontrão-se já barracões, confortavel e solidamente construidos de tijolo, cobertos de telha, bem mobiliados e adereçados, de onde o viajante sorpreso ouvirá algumas vezes as notas de um piano.

Isso, porém, é a excepção. A regra é o barracão de que procurei dar uma ligeira idéa.

O dono desse barracão, ás vezes uma firma commercial matriculada em Belém, não só mediante seus «trabalhadores» extrahe o precioso producto, como o compra a outros seringueiros (extractores da borracha) ou a recebe como pagamento de negociantes em menor escala de quem elle é o «aviador», como elle proprio é o «aviado» de um negociante do Pará ou, o que é raro, de Manáos.

Nestas duas cidades, na do Pará principalmente, por onde, como vimos, se faz 4/5 da exportação da borracha, o commercio deste producto está nas mãos das «casas aviadoras»,

que a recebem dos seus «aviados» ou freguezes e das «casas exportadoras» geralmente inglezas, allemãs ou americanas, que a comprão ás primeiras, ou a dinheiro ou em troco de mercadorias estrangeiras que lhes vendem ou que lhes fazem vir dos respectivos centros productores.

O possuidor de seringaes, proprietario de um daquelles barracões, vem á capital e o «seu patrão», nome que dão ao negociante que os fornece de mercadorias em troca da borracha, dá-lhe a que elle ha mister para o seu commercio, isto é—dá-lhe tudo, desde a fazenda para o vestuario até á carne secca ou o pirarucú e a «farinha d'agua» (especie de farinha de mandioca, em uso exclusivo na região) com que hão de alimentar-se.

Hoje dão-lhe ás vezes tambem dinheiro para irem buscar gente ao Ceará, quando hão de augmentar a exploração—ou dos seringaes já conhecidos ou de novamente descobertos nas cabeceiras de algum *igarapé* (rio pequeno), ou nas margens de algum novo rio adjacente ao primitivo estabelecimento.

Com mercadorias e gente, quando esta

tambem leva, volta o «aviado» aos seus seringaes a dar principio ao «fabrico» de nova safra, no decurso da qual vai remettendo ao «aviador» a borracha tirada, que este recebe e por sua vez entrega ou vende, conforme as suas condições na praça, a um dos exportadores, o qual a embarca por sua conta.

Raros são os aviadores que fazem directamente a exportação e os que a têm tentado não se hão dado bem.

A borracha, cujo consumo augmenta de anno para anno e cujo emprego tende de dia para dia a encontrar novos objectos, é exportada para os Estados-Unidos e para a Europa, sendo que os Estados-Unidos sómente consomem mais de metade da exportação total.

Dos 16,395,987 kilogrammas da exportação de 1890, 9,592,102 forão para os Estados-Unidos e 6,803,885 para a Europa.

Na Europa os principaes compradores são a Inglaterra e a Allemanha, e, em menor escala, a França.

Em Junho deste anno de 1891 os preços variárão entre 1$700 a 4$000 por kilogramma, conforme a qualidade do producto.

V

O «aviador», disse eu, fornece tudo ao seringeiro: vestuario, alimento e quanto ha mister á sua vida e profissão.

Não obstante o trabalho da recolta da borracha dar ensanchas a outras occupações e tempo sufficiente para outros labores productivos, o seringueiro limita-se exclusivamente a elle.

Não cultiva sequer a mandioca, que é o seu trigo, nem cria qualquer ave ou animal domestico.

Salvo excepções extremamente raras, que em nada á regra geral prejudicão, á roda do «barracão» ou da «barraca» do seringeiro não ha outra cousa que seja objecto de exploração, de cultura ou de trabalho, senão a propria seringueira.

Dahi dous factos, dos quaes um é do outro consequencia: a quasi incrivel carestia da vida nessas regiões, e a pobreza relativa de gente que, á primeira vista, devêra viver na abundancia e mesmo facilmente enriquecer.

Até ha bem pouco tempo era proverbial na Amazonia que a borracha apenas ao «aviador» ou ao exportador enriquecia. Se hoje um ou outro seringueiro mais importante e intelligente chega á abastança, o caso não é tão vulgar que aquelle facto possa destruir.

Quando se sabe que um producto, cuja extracção não exige o minimo emprego de capital, nem se seguer trabalho penoso e demorado, dá no minimo e em média das suas differentes qualidades de 1$500 a 2$000 o kilogramma, e que um homem com um trabalho de 4 horas por dia póde extrahir o minimo de tres kilogrammas, julga-se natural e logicamente que tal exploração deve enriquecer ou, pelo menos, dar o bem estar a quantos a ella se entregão. Não é infelizmente assim, e os seringaes, sob uma fallaciosa apparencia de vida larga e facil, são regiões de miseria, de privações e de penuria.

O commercio amazonico, o commercio da borracha, sobretudo, faz-se nos seringaes ainda quasi que exclusivamente pelo regimen da troca. A quantidade de numerario é excessivamente escassa.

O seringueiro traz ao patrão, seringueiro tambem, porém em muito maior escala que elle, o producto do seu dia ou da sua semana, sejam trez ou vinte e um kilogrammas de borracha, que, a um preço regular, valem alli no seringal, 5$ ou 30$000.

Em troca o patrão dá-lhe o que elle ha mister: café, assucar, farinha, peixe, carne secca, tabaco (o fumo cá do sul), cachaça, alguma roupa grossa de algodão, etc.

Elle abre assim uma conta corrente, onde a borracha que entrega figura pela mais baixa cotação possivel e os generos que recebe têm preços que, fóra do seringal, não serião cridos.

Assim pagará muitas vezes o kilogramma de assucar por 4$ ou 5$, o de café por igual ou superior preço, e a farinha, seu principal alimento, por vinte e mais mil reis o alqueire. Elle terá familia, mulher, filhas e filhos que o

ajudaráõ, como tantas vezes succede: a sua colheita será avultada, e ainda assim no fim de quatro, seis, dez e mais annos, não conseguirá sequer equilibrar o seu Deve e o seu Haver.

A's vezes antolha-se-lhe um novo patrão que, precisando de gente, paga ao primeiro o saldo que este tem a seu favor e leva-lhe aquelle trabalhador, afim de por sua vez explora-lo.

E' esta, pois, a situação da grande massa dos tiradores de borracha.

Os patrões, por sua vez, ou porque os aviadores do Pará ou de Manáos procedão elles do mesmo modo, ou porque—e esta causa é incontestavel —nada obstante o valor do producto, a excessiva carestia da vida lhes não consinta accumular, o certo é que, sem embargo de algumas excepções, não é vulgar enriquecerem.

Nada absolutamente cultivando, vivendo exclusivamente do producto da borracha, e tudo comprando pelos altos preços por que chegão a essas longiquas regiões do Madeira, do Purús e do Juruá, todas as mercadorias,

comprehende-se que, salvo épocas excepcionaes e raras de altos preços da borracha, não lhes é possivel fazer economias, nem accumular capitaes.

O trabalho da borracha é, entretanto, facil. Cada trabalhador ou seringueiro (mulheres e crianças desde 12 annos o são) «corta», segundo elles dizem, uma ou mais «estradas de seringas. Estrada denominão a um estreito carreiro (caminho, na linguagem local) marginado de uma e de outra banda de seringueiras. Cada estrada regular vem a ter de cincoenta a sessenta pés da arvore de auro.

A's 8 ou 9 horas da manhã, o trabalhador envereda pela sua estrada ou estradas, e corta arvore por arvore com um facão ou uma machadinha, sobpondo ao golpe uma «tigelinha» de folha de Flandres ou de terra, que adhere á arvore com o barro que no mesmo local colheu.

Cortada a ultima, arvore elle volta á primeira, se já passou tempo sufficiente, ou recolhe ao barracão para a «prosa» dos camaradas, ou deita-se, até que, decorrido o necessario tempo, entra a recolher em um balde de zinco ou em

uma *cuiambuca*, o leite apanhado nas tigelinhas, que de volta á barraca defuma ao calor e fumaça de um brazeiro feito com cocos de palmeiras, principalmente com o da palmeira urucury.

Ao meio-dia, o mais tardar á 1 ou 2 horas da tarde, tem elle concluido o seu trabalho, ganho, nos bons tempos da alta, talvez dez ou mais mil réis, e... até o dia seguinte.

Para concluir estas ligeiras noticias — que não sei se não estaráõ enfadando o leitor — sobre a exploração e commercio da borracha, não devo esquecer que a borracha é classificada no mercado em «fina», «entrefina» e «sernamby.» Os proprios nomes definem as duas primeiras qualidades; a «sernamby» são os residuos do leite coagulado que escapão das vasilhas em que é recolhido ou que escorrem pela arvore abaixo depois de tiradas as tigelinhas. São recolhidos em fórma de bóla, com gravetos e terra adherentes, e nessa fórma entrão no mercado, onde são cotados por menor preço que as duas outras qualidades.

O commercio da borracha que, como vimos, representa 9/10 do consideravel commer-

cio amazonico, tende a augmentar notavelmente. Os seringaes não explorados são talvez em numero tamanho,se não superior aos actualmente em exploração. Regiões riquissimas em seringaes, como o curso médio e superior do Xingú e do Tapajós, todo o Jary, o Purús e rios do Amapá, além de muitas outras, estão por explorar. No Madeira já se plantão seringaes, que, aliás, a si mesmos se replantão e substituem, deixando em determinada época cahir as sementes do seu fructo, as quaes germinão e crescem em torno.

Em dez annos, de 1881 a 1890, a exportação pelo porto do Pará quasi dobrou; o seu augmento foi, segundo as estatisticas citadas, de 41 1/2 °/₀.

VI

Após a borracha é o cacáo o principal producto da industria e commercio amazonicos. E' a unica grande cultura da região; entretanto, como quantidade, representa apenas a terça parte da da borracha, e como valor official da exportação menos da decima.

Se quanto áquelle artigo é a producção dos dous estados amazonicos quasi igual, o mesmo não acontece a respeito da do cacáo. O do Pará produz muito mais que o do Amazonas.

Os principaes centros de producção do cacáo são, nos dous estados, os municipios de Cametá, Baião, Macajuba, Santarem e Obidos, no do Pará; e Parintins e Itacoatiára, no do Amazonas.

Relativamente, a producção do cacáo tem

diminuido, diminuição principalmente motivada pela attracção que a borracha, exploração mais facil e remuneradora, exerce sobre as populações amazonicas.

Não é meu intuito enfadar o leitor com a descripção, ainda perfunctoria, da organisação da exploração e commercio de cada um dos seus productos. Ei-lo para a borracha, não só em attenção á sua importancia commercial, como á feição original que tem.

Direi apenas o necessario á illustração do meu assumpto e ás conclusões destes artigos que não sei se não estarão enfastiando o leitor.

E' a cultura do cacáo uma das mais adequadas á região amazonica, na qual escasseião os braços, sendo os que ha pouco affeitos aos trabalhos intensivos, se assim me posso exprimir, que, de regra, exige a lavoura, e menos amigos delles.

Essa cultura é facilima e largamente proveitosa. Muito longe está de exigir sejão os capitaes, seja o trabalho da do café, sendo o preço do producto quasi igual, quando não igual e ás vezes superior, ao do café.

As cotações de Junho deste anno forão de 620 a 570 rs. o kilogramma.

O cacáo dá, conforme o terreno e o trato, dentro de dous, tres ou quatro annos. Geralmente, ao cabo do terceiro anno, produz, e produz durante um seculo e mais. O chamado cacoal do rei, depois imperial e hoje, naturalmente, nacional, quasi em frente á cidade de Obidos, foi plantado ha mais de um seculo por ordem do governo colonial, e ainda produz. Acha-se, graças ao desleixo e incuria nossos, consideravelmente reduzido. Dos quarenta mil pés que primitivamente teve, não restaráõ talvez mais que mil e tantos a dous mil.

Um homem basta para, sem grande trabalho, antes sobrando-lhe tempo para outros misteres, occupar-se de dous mil pés de cacoeiros (*)

A producção é um tanto irregular.

Depende da qualidade das terras, do amanho, e, sobretudo, da distancia entre as arvores, que, infelizmente, por uma rotina inveterada

---

(*) Na linguagem amazonica não se diz *cacaoeiro*, nem *cacoalista*, nem *cacaoal*, senão *cacaeiro*, *cacoalista*, *cacoal*.

usão plantar extremamente juntas, ás vezes apenas a 8 ou 9 palmos umas das outras.

O motivo deste systema inspira-o a preguiçosa conveniencia de, bem fechado o cacoal, não consentir a sombra perenne e intensa que sob elle reina, o crescimento de plantas de que fosse preciso constantemente limpa-lo, e tambem a de poupa-los de desbravar maiores trechos de terreno, o que repugna ás populações pouco laboriosas da Amazonia.

A média da producção é de 1,500 kilogrammas por dous mil pés, que, repito, um só homem póde cultivar, e que requerem apenas uma «limpa» por anno.

Como quanto respeita á cultura, ao trabalho sedentario e, embora pequeno, continuo, na Amazonia, a do cacáo é feita em escala relativamente pequena, pois pederia facilmente ser muito mais consideravel do que é.

A sua cultura é bastante disseminada como prevão aa 2.295 toneladas do *stock* de junho ultimo na praça do Pará, mas raro será o cacoalista que possua e cultive 20 mil ou mais pés de cacáo.

A lavoura da Amazonia não é a pequena

lavoura, é a lavoura mesquinha, a lavoura insignificante.

A producção do cacáo, como a de quasi todos os antigos productos da agricultura amazonica, alguns dos quaes extinguirão-se completamente, por exemplo o anil, o arroz e o proprio café, de que foi essa região a primeira productora no Brazil, a producção do cacáo, repito, longe de augmentar, tem nos ultimos annos diminuido, á influencia da attracção irresistivel e natural que a borracha, com a sua extrema facilidade de colheita e elevação dos seus preços, exerce sobre todas as populações, amazonicas, que, em muitos lugares, abandonárão a cultura pela extracção da borracha.

Entretanto, estou em crêr que, se a cultura do cacáo fosse feita em maior escala e com mais intelligencia e methodo, de modo a equiparar esse producto brazileiro ao de Caracas, e obter para elle a mesma cotação deste nos mercados estrangeiros, nenhuma lavoura seria mais remuneradora do que essa. A Amazonia, sómente poderia, sem grande esforço, fornecer a totalidade do cacáo consumido no globo.

Não será ocioso dizer que o cacáo, além do seu emprego proprio como materia prima do chocolate, forneceria a uma industria mais adiantada e intelligente outros productos: a cinza da grande capsula que envolve as sementes, riquissima em potassa e utilissima na industria da saboaria e congeneres; a manteiga ou banha de cacáo, producto medicinal conhecido; e os productos alcoolicos do succo da polpa das sementes, aguardente, licores, etc.

A castanha, que vem em terceiro lugar na producção amazonica, é o fruto da *Bertholetia excelsa* dos botanistas.

Constitue uma das principaes industrias extractivas desta região de industrias extractivas, e este producto, que não dá outro trabalho senão o de colhê-lo e tira-lo do grosseiro e duro ouriço que o envolve, isso quando a propria quéda do ouriço o não abriu, representa um valor official médio de quinhentos contos por anno.

Os preços da castanha forão em Junho deste anno desde 6$650 a 8$250 o hectolitro, que é a unidade por que é computada.

E' incalculavel a quantidade de castanha desaproveitada por falta de quem a colha ou, antes, a apanhe do chão, de sob as arvores de que cahe.

Nada direi sobre os outros productos da exportação amazonica: uns, como os couros, nada apresentão de notavel; outros, como o oleo de copahyba, o urucú, ou as madeiras, tambem prodigamente dados pela natureza, não offerecem pela sua importancia interesse maior.

O grude de peixe, que vem em quinto lugar, é extrahido da *gurijuba*, que os atrevidos pescadores e canoeiros da região maritima oriental do Pará, conhecida na região com o nome de *Salgado*, vão pescar nos mares sempre bravios da contracosta de Marajó e nas costas perigosas do Cabo do Norte e de Maracá, na Guyana brazileira.

E' uma rude e difficil profissão a de pescador de *gurijuba*; mas o mar é uma tentação para os que nascêrão á sua beira: esses resistem ainda á fascinadora attracção da borracha.

Estes productos, com outros actualmente de somenos importancia, porém de grande futuro, elevão já o valor official da exportação pela alfandega do Pará á média annual de 25.000:000$, como vimos.

Infelizmente carecemos de dados sobre o mesmo valor da importação, pois a respectiva estatistica se não faz naquella alfandega, como em quasi todas do paiz, desde 1872.

Temos, porém, a renda de importação dessa alfandega no mesmo periodo de 1886—1889, que foi de 23.115:535$645, o que dá a média annual, desprezadas as fracções abaixo de conto, de 5.778:000$000.

O valor official dessa importação pôde ser facilmente alcançado sem notavel exagero

para mais ou para menos, elevando de 60 % essa quantia.

Será, pois, o valor official da importação do Pará de cêrca de 35.000:000$000.

A reunião destes algarismos mostra que o valor official do commercio (importação e exportação) do estado do Pará é, no momento actual, de 60.000:000$, pelo menos, que para ser elevado em proporção quasi impossivel de calcular, exige apenas capitaes e braços que explorem e valorisem as indiziveis riquezas da opulentissima região cuja parte é esse futurosissimo estado.

No mesmo quatriennio (1866-1869) foi a renda total da mencionada alfandega de 36.269:812$249, sendo, portanto, a média annual de 9.067:000$, desprezadas as fracções, média que a renda do ultimo anno de 1890 confirma, porque foi de 9.433:086$692.

Vê-se, pois, que pelo valor official do seu commercio e pela renda da sua alfandega, o Pará occupa um dos primeiros lugares, o quarto entre os 20 estados unidos do Brazil e o districto federal.

Veremos que pelas suas rendas proprias,

quer antes, quer depois da federação, mantem elle ainda esse lugar, sendo, com S. Paulo, o unico que nada deve á União, consoante a affir-affirmativa official do ex-ministro da fazenda, o Sr. Ruy Barbosa.

Do estado do Amazonas não possuimos dados tão recentes; são, porém, em compensação mais seguros os que respeitão á importação.

Tomamo-los ainda a um trabalho do já citado Sr. Luiz Cavalcanti de Albuquerque, publicado sob o titulo de *Finanças da provincia do Amazonas*, em 1888.

O valor official do commercio desse estado, então provincia, foi no quatriennio de 1883 a 1887 de 80.724:024$569, sendo 23.578:054$158 para a importação e 57.145:970$411 para a exportação.

1887, 88 e 89 forão máos annos, e certamente houve baixa nesse algarismo; entretanto, não tanta que mantenha a menos de 20.000:000$ o valor do commercio do estado do Amazonas.

Prova a verdade desta asserção o notavel augmento da renda da alfandega de Manáos,

que, sendo no exercicio de 1886 — 1887 de 1.092:357$544, foi no primeiro semestre deste anno de 1.479:565$332, o que elevará sem duvida a renda do exercicio corrente a 3.000:000$ ou muito perto disso.

Ha pouco mais de dez annos, em 1877-1878, não attingia ella a 300:000$000.

Não sei de outro estado do Brazil cuja alfandega possa apresentar semelhante augmento de renda.

O valor, portanto, do commercio da Amazonia não é, ainda nos peiores annos, inferior a 20.000:000$000, e esse valor tende incessantemente a crescer, simplesmente pela natural exploração dos seus riquissimos productos e expontaneo desenvolvimento da navegação interior.

Vejamos agora, e ligeiramente, as rendas peculiares aos dous estados amazonicos e com as quaes contão elles para manterem-se sobre a fórma federativa.

O do Pará póde desde já contar com uma renda propria de cerca de 7.000:000$, se não mais. O total das rendas provinciaes ou estadoaes foi nos ultimos dez annos, de 1881 a 1890,

de 28.673:707$107, indicando uma média de mais de 2.800:000$000, certamente inferior á renda actual, que o anno passado foi de 3.177:095$454.

Essa renda, mesmo sem augmento de impostos ou sequer da producção, póde ser elevada por simples medidas administrativas que concorrão para a sua maior percepção. Com effeito, ás difficuldades das arrecadações fiscaes inherentes á singular topographia da região, accresce a má organisação do systema da cobrança da renda estadoal e ainda a desidia dos funccionarios della encarregados.

Admittindo que ella se mantenha ainda por alguns annos entre 3.000 e 3.500 contos, o que não é crivel, pois certamente augmentará com o natural e sempre crescente desenvolvimento da região, e juntando-lhe as rendas que pela Constituição passão a pertencer-lhe, já calculadas, por boas autoridades alli, em cêrca de 3.600:000$, não ha duvida de que o estado do Pará poderá contar com 7.000:000$ de renda.

Nenhuma das antigas provincias do Brazil, nem mesmo S. Paulo, nem mesmo o Pará, tem tido um augmento tão rapido da receita como

a do Amazonas. Em 1876—77 foi a sua receita de 897:232$007, 10 annos depois, em 1886—87 subia a mais do dobro, a 2.713:686$081.

A mesma escala ascendente seguirão todos os factores da sua riqueza: o valor official da exportação que era, em 1876-77, desprezadas as fracções menores de conto de réis, de 2.600 contos, attingio em 1886-87 a 14.634 contos, ou quasi 70 °/. mais.

A renda da sua alfandega, como já vimos, decuplou no mesmo periodo.

Que futurosissima região não é essa, em que tal progresso se dá sómente pelas proprias forças e recursos que lhe são proprios, sem o soccorro de capitaes estrangeiros ou nacionaes nem o auxilio das grandes correntes immigratorias que têm affluido para S. Paulo ou para o Rio Grande do Sul!

A falta de capitaes é uma das mais sensiveis no estado do Amazonas, onde não existe um unico estabelecimento de credito, como a toda região amazonica é sensibilissima a carencia de braços que lhe arroteiem e valorisem os tratos, grandes como reinos, e ainda desertos dos seus sertões e lhe explorem as incalcula-

veis riquezas da sua natureza, apenas encetada por uma população que, mesmo exagerada, não chega a ser de 0,26 de habitantes por kilometro quadrado.

VIII

Incidentemente notei em um dos precedentes artigos que na Amazonia algumas culturas minguárão e outras totalmente desapparecêrão.

Ha um seculo a antiga capitania de S. José do Rio Negro, hoje estado do Amazonas, produzia, em quantidades relativamente avultadas, algodão, anil, café e tabaco e, segundo Buena, (*Chrographia paraense*) em 1832 os principaes generos de cultura do Pará erão: arroz, algodão, cacáo, tabaco, café e canna de assucar.

Salvo o cacáo, que mantem ainda o segundo lugar na producção da região, o tabaco e a canna de assucar, em pequenissima escala cultivados, e insufficientes para o proprio consumo da região, os demais productos citados

desapparecêrão da lavoura amazonica, ou são tão mesquinhamente cultivados que o mesmo é ter-se a sua cultura extinguido.

Segundo uma das preciosissimas memorias do Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, publicada no tomo LI da *Revista do Instituto*, a producção do anil em 1787 foi na citada capitania do Rio Negro de oitenta arrobas; a do café, em 1785, de mil e duzentas; a do tabaco, no mesmo anno, de mil cento e sesenta e cinco, e a de algodão, nos sete annos de 1773 a 1779, de dezenove mil oitocentas oitenta e quatro arrobas.

Longe de se desenvolverem, estas culturas estão extinctas ou consideravelmente diminuidas. O Amazonas, cujo tabaco de Borba (Rio Madeira) foi famoso, não possue mais esse producto senão em diminutissima escala e de má qualidade; no Pará ainda se cultiva, e são conhecidos e bem reputados, os tabacos do Rio Preto (Tapajós), de Irituia e do Acará; entretanto a producção é insignificante para o consumo do estado e o producto carissimo.

O bom tabaco do Acará vende-se de 150$ a 200$ a arroba.

A cultura do anil desappareceu totalmente. A do arroz tambem. A do café limita-se á plantação e exploração, pelos mais rudimentares methodos, de meia duzia de pés que alguns donos de «sitios» (pequenos estabelecimentos ruraes) têm á volta da casa, e que mal chegão, quando chegão, para o seu gasto.

A do algodão igualmente não existe, senão em tão diminuta escala, que tanto monta não existir. Em todo o caso nenhum dos productos citados, a não ser, e em pequenissimo gráo, o tabaco, concorre de modo algum para a riqueza publica.

A da canna de assucar, já muito apoucada, tende ainda mais a diminuir pela extincção do elemento servil, unico com que contavão os engenhos, pois que o trabalhador livre não se sujeita, na Amazonia, a trabalho tão rude como lhe parece, comparado com o da borracha, da pesca, da castanha e mesmo do cacáo, a lavoura da canna.

Os engenhos existentes, alguns magnificamente apparelhados, limitão-se pela maior parte ao fabrico de aguardente, genero de extraordinario consumo na região.

O assucar produzido é muito pouco, e a maxima parte do consumido é importado do Maranhão e de Pernambuco.

O estado do Amazonas quasi não possue a cultura da canna, que no do Pará confina-se estreitamente nas comarcas de Santarem, Igarapé-miry, Cametá, Bragança e Capital.

Duas causas explicão, a meu ver, a decadencia de tantas culturas que poderião ser outros tantos elementos de riqueza para a Amazonia e, portanto, para o paiz.

A primeira é a questão dos braços, não tanto, como poderia parecer, a sua falta, que aliás é grande, como pela aversão que a população amazonica sente pelo trabalho constante e sedentario que requer a lavoura.

Essa população, quasi exclusivamente composta de indios mansos (tapuios) e seus descendentes, é eminentemente apta por seus proprios defeitos, que assim transformão-se em qualidades, para a vida nomade, o labor inconstante e intermittente das industrias extractivas. E' ella, com effeito, quem explora a borracha, a castanha, o oleo de copahyba, a salsa, o cumarú, a piassaba, e quem pesca o piracurú, nas

grandes agglomerações que se fazem periodicamente en torno dos lagos e igarapés abundantes desse peixe.

A escravatura, já o disse, foi na Amazonia sempre diminuta; no momento da extincção não existia mais no estado do Amazonas, e, singular coincidencia, estava resolvido no do Pará que fosse extincta, ao menos na capital, a 13 de Maio, data memoravel na historia paraense.

A' carencia de braços para essas lavouras veio juntar-se, ha cêrca de cincoenta annos, a exploração da borracha, com a sua, para essas populações, irresistivel attracção de vida facil, de trabalho intermittente, de lucro prompto e de vida folgada e nomade.

O abandono e decadencia das culturas na Amazonia datão principalmente do desenvolvimento da exploração deste producto, e se o cacáo resistio deve-se não só a estar a sua cultura localisada em regiões onde não se descobrirão seringaes (Parintins, Obidos, Alemquer, Monte-Alegre e curso inferior do Tocantins) como a ser tambem uma lavoura facil e pouco exigente.

Todas essas culturas podião no emtanto ser restauradas na Amazonia, cujas ubertosas terras são eminentemente proprias a qualquer dellas.

As margens do Amazonas e as varzeas baixas, suas e dos seus affluentes, e lagos convisinhos, são admiravelmente proprias para a cultura do arroz e dos legumes peculiares aos climas quentes.

O café, a canna e o tabaco encontrão terrenos apropriadissimos a uma producção altamente remuneradora, como o provão o passado da região e as mofinas culturas desses generos ainda agora feitas.

Além das industrias extractivas, que podem e devem ser consideravelmente desenvolvidas, e que bastarião por si só para fazer a opulencia de um paiz, além das culturas que convêm, ampliadas umas e restauradas outras, possue ainda a Amazonia uma incalculavel riqueza na sua futurosa criação de gados, hoje apenas e escassamente bastante ao seu consumo.

Segundo as melhores e mais justificadas conjecturas, quasi provadas hoje por explorações parciaes, como as da commissão de limites

de Venezuela, as de Crevaux e Coudreau, e ainda recentemente a do alto Trombetas feita por ordem do governador, Sr. Justo Chermont, pelo engenheiro Gonçalves Tocantins, algumas leguas ao norte da margem esquerda do Amazonas, estende-se uma zona de campos altos, saluberrimos, frescos, que desde as cabeceiras do Araguari vai ás margens do Rio Branco.

Indagar como taes riquezas naturaes devão e possão ser exploradas, como a já avultada riqueza e producção da Amazonia póde ser consideravelmente augmentada, e, portanto, a sua civilisação e o seu progresso desenvolvidos, será o remate destes artigos.

IX

O problema do desenvolvimento completo da Amazonia resume-se no do seu povoamento, do qual é tambem parte o melhor aproveitamento das populações indigenas.

A simples comparação dos algarismos nestes artigos citados com iguaes de outros estados, muitissimo mais populosos, põe de manifesto qual não será a opulencia dessa região, quão grandes não serão os seus elementos de autonomia, de prosperidade e de progresso, quando uma população mais numerosa vier aproveitar as suas prodigiosas riquezas naturaes.

Os mesmos productos cuja exploração cabe ás industrias extractivas são uns apenas

em gráo relativamente pequeno explorados, outros de todo perdido.

Já disse o que ha de seringaes a explorar e como incalculavel é o que se perde de castanha. O mesmo direi dos demais productos florestaes: o cumarú, o urucú, a copahyba, a salsa, a quina, as madeiras, as plantas oleaginosas e medicinaes, as fibras textis, etc.

A agricultura, essa, nada obstante pagar sobejamente o pouco trabalho que alli requer, está, como vimos, decadente e definhada, e abandonada a de muitos productos que já forão em tempos idos objecto da actividade das populações e factores da riqueza das antigas provincias, hoje estados, que formão a Amazonia.

Uma e outras, industrias extractivas e lavoura, para augmentarem em proporção a que é difficil prever um limite, apenas carecem de braços. Os proprios capitaes são aqui mais dispensaveis do que em qualquer parte do paiz.

O povoamento da Amazonia, porém, encontra difficuldades taes, que ha, mesmo nella, quem o tenha por impossivel.

A maior, a principal dessas difficuldades, é

a erradissima e commum opinião do máo clima dessa região.

Mesmo no Brazil se acredita a Amazonia inhabitavel, e neste ponto ha muita gente que, com os geographos antigos, reputa impropria á vida humana essas regiões do Equador.

Ha nisto uma supina ignorancia das condições climatologicas dessas regiões, ao menos da Amazonia, e, o que peior é, ignorancia que se não póde escusar com a falta de informações, pois estas abundão.

E mesmo aqui no Rio de Janeiro, onde a febre amarella é endemica, onde as febres perniciosas e typhicas são epidemicas, onde o impaludismo devasta a população e a variola acaba de fazer, no proximo passado mez de Julho, 932 em 1,052 obitos, ha gente para considerar inhospito o clima da região amazonica.

E o excessivo calor é o thema favorito com que brazileiros que têm nos seus estados temperaturas de 36° C., nunca havidas na Amazonia ou ao menos no Pará, alludem a inhabitabilidade de uma das mais futurosas regiões do paiz.

Quente e humido, como de resto é o de

quasi todo o Brazil, certo não é o da Amazonia aquillo que se chama um bom clima. Insania fôra nega-lo.

A verdade, porém, é que, entre os climas quentes, o da Amazonia é certamente um dos melhores e com certeza no Brazil, se exceptuarmos os sertões da região oriental, do Ceará á Bahia, o melhor.

O impaludismo é o principal e mais vulgar capitulo de accusação contra o rio Amazonas e regiões que elle banha ; pois bem : eu vou de certo sorprender o leitor, affirmando, sem o minimo receio de contestação, que em toda a margem do Amazonas propriamente dito, do Oceano a Manáos, as febres palustres, se não são desconhecidas, são apenas tão frequentes como nos melhores e mais bem reputados climas. Taes febres é nas cabeceiras dos rios affluentes e confluentes, na parte superior do seu curso, que reinão.

Mesmo nos mais assolados pelo impaludismo, como o Madeira e o Tocantins, tem o seu curso médio e inferior livre dellas. De muitas regiões tambem hão quasi desapparecido.

Assim Macapá, que depois de haver sido um dos pontos mais saudaveis do estado do Pará, tornou-se, em virtude de pantanos abertos pelas excavações feitas para a construcção da sua celebre fortaleza e dos fossos e outras obras incompletas que a rodeião, um foco de impaludismo, voltou a ser hoje lugar saudavel e onde rareião de dia a dia os casos dessa infecção. O mesmo dá-se com o municipio de Cametá, onde têm sensivelmente diminuido nos ultimos annos as febres palustres.

Cumpre ainda advertir que rarissimamente affecta o impaludismo amazonico outra fórma que não a das febres intermittentes ou sesões, sendo que as perniciosas e typhicas são tão pouco vulgares, que em muitas partes da região são desconhecidas.

Certo, o impaludismo do Alto-Madeira é terrivel; affecta os centros nervosos, mata ou inutilisa por pouco tempo e perdura por longos annos, resistindo muitas vezes aos mais bem dirigidos e energicos tratamentos. O mesmo dá-se com as do Juruá, do Mojú, do Cairary e de outros lugares; mas são excepções.

Se são endemicas as febres intermittentes na

região já descripta das Ilhas, no curso superior do Tocantins e do Tapajós, no Xingú, em parte do Trombetas, no Alto-Madeira, no Juruá, no alto Rio-Negro e em mais alguns rios, raro ap-apparecem, e isso como benigna endemia, na magnifica região maritima oriental, em toda a região occidental onde é excellente o clima dos dos municipio de Monte-Alegre, de Obidos, de Santarem e de Alemquer; nas comarcas de Parintins e de Itaticoára, e mesmo na de Manáos.

Na propria região da borracha, em geral a mais sujeita ao impaludismo, no rio Purús, não ha febres, e o curso médio e superior do Madeira, graças ao progresso da civilisação ahi, melhores habitações e mais respeito aos preceitos hygienicos, está quasi livre dellas.

Falem, porém, por nós, autoridades mais competentes e insuspeitas.

Na pleiade illustre dos seus exploradores e viajantes conta a Amazonia o celebre A. R. Wallace, emulo de Ch. Darwin na descoberta da theoria da selecção. O seu livro *Narrative of travels on the Amazon and Rio Negro* é um dos melhores que sobre essa região se têm feito.

Wallace demorou-se na Amazonia cêrca de quatro annos; não é, pois, um viajante de passagem.

« O clima do valle do Amazonas, diz elle, é notavel pela uniformidade da temperatura e por uma provisão regular de humidade. Em muitas partes delle ha seis mezes de estação secca e seis mezes de estação chuvosa, nenhuma dellas tão rigorosa como em alguns outros paizes tropicaes... Este é o caracter geral do clima em todo o ramo principal do Amazonas e em suas vizinhanças. Ha comtudo, notaveis desvios a esta regra geral... O Pará é um destes lugares excepcionaes. São aqui as estações tão modificadas, que tornão o seu clima um dos mais agradaveis do globo. Houvesse eu julgado simplesmente o clima do Pará pela minha primeira residencia de um anno, poderia pensar ter sido impressionado pela novidade do clima tropical; porém á minha volta após um estadio de tres annos no Alto Amazonas e no Rio Negro, fui egualmente impressionado com a maravilhosa frescura e brilho da atmosphera, com a balsamica doçura das tardes, que certa-

mente não têm eguaes em outra parte por mim visitada...

« A maior variação em um dia não é, penso eu, nunca de mais de 20° (Farenh.) e em 4 annos as mais baixas e as mais altas temperaturas dão sómente um extremo de variação de 25°. Provavelmente não existe no mundo clima mais egual.»

Bates, que esteve mais de dez annos na Amazonia e cujo livro *The Naturalist ou the river Amazons* é classico, julga assim o clima dessa região :

Embora esteja (a cidade do Pará) perto do Equador, o clima não é excessivamente quente. Durante tres annos a temperatura sómente uma vez chegou a 95° Farenheit (35° c). O maior calor do dia, depois de 2 horas, é geralmente entre 89° e 94° Far.; de outro lado, porém, o ar nunca é mais frio de 73°, de modo que existe uma temperatura uniformemente alta, e a média do anno é 81° Far. (27° c.). Os norte-americanos aqui residentes dizem que o calor não é tão suffocante como em Nova-York e Philadelphia no verão... Sorprendeu-nos agradavelmente não achar perigo algum na exposi-

ção ao ar da noite ou na residencia nas terras baixas pantanosas. Alguns habitantes inglezes, que estão aqui estabelecidos ha 20 ou 30 annos, têm um quasi tão bello aspecto como se nunca houvessem deixado seu paiz natal... A temperatura igual, a perpetua verdura, a frescura da estação secca, quando o calor do sol é temperado pelas fortes brisas maritimas e a moderação das chuvas periodicas tornão o clima um dos mais agradaveis *(enjoyable)* da superficie da terra. (Pag. 19 e 20).

« O clima (de Santarem) é delicioso *(glorious)*. (Pag. 204). »

« O clima (do Alto Amazonas) é saudavel, embora se viva aqui como em um permanente banho de vapor.» (Pag. 290).

Em outras passagens ainda, affirma Bates, a bondade de um clima que nós mesmos brazileiros calumniamos.

Agassis tambem *(Voyage au Brésil* e *Conversações scientificas sobre o Amazonas)* affirma cathegoricamente a salubridade do clima amazonico, attribuindo as molestias, em geral febres palustres, que na região reinão, á falta

absoluta de hygiene ou, antes, violação systematica dos seus preceitos.

Falta-me vagar e espaço para citar identicas opiniões de outros viajantes e exploradores amazonicos, como Orton, como Hartt, como Smith.

E' preciso, pois, refugar de vez essa falsa opinião do clima da Amazonia. Se ella toda se não presta a uma colonisação européa, são enormes ainda os tratos de seu immenso territorio que podem receber e abrigar immigrantes dessa procedencia, nas mesmas condições de salubridade que os melhores climas do sul.

X

Além do preconceito do clima, outras causas, menos importantes, têm até hoje estorvado o povoamento da Amazonia por elementos estrangeiros.

As tentativas de immigração e colonisação até agora feitas tem-nas inspirado o mais errado conceito dessas questões e dirigido o menos intelligente dos processos administrativos que taes serviços requerem.

Dahi o naufragio de todos esses tentamens, produzindo no publico e nos governos a descrença no proprio facto, de cujo máo successo são estes principalmente os unicos culpados.

Até ha bem pouco tempo tambem juntava-se a estas causas uma certa desconfiança, se não animosidade contra o estrangeiro, que não só

o espirito *cabano*, que por tanto tempo dominou nas populações amazonicas, desenvolveu e conservou, como o mesmo natural espirito desconfiado, que é de todas as populações, contra forasteiros que com ellas venhão concorrer no moirejar da vida.

Tal espirito ainda se deixa ás vezes lobrigar até na imprensa local.

As poucas tentativas feitas de colonisação estrangeira na Amazonia, disse eu, naufragárão pela inepcia, releve-se-me a expressão, com que forão dirigidas, sendo que o problema da immigração não foi ainda alli seriamente estudado ou sequer encarado.

Os portuguezes derão-nos a superior lição de não levantar nucleos de população senão á beira rio e, diga-se de passagem, sempre em bem escolhida posição.

Nós, em uma região maravilhosamente dotada dessa via de communicação facil, barata, commoda e sempre prompta, que offerecem os rios, canaes, furos, igarapés e igarapé-mirins amazonicos, fomos erguer taes nucleos em regiões centraes, privados de todas as vias de

communicação, o que o mesmo vale dizer que privados de todos os elementos de vida!

Tal é o caso das colonias Maracajú, no Amazonas, Benevides e Bom Gosto, no Pará.

A primeira foi colonisada por cearenses retirantes que, honra lhes seja! após haverem levantado casas e feito plantações, virão-se obrigados a tudo deixar, porque o transporte por terra, em cargueiros (coisa inteiramente nova na Amazonia) ou em carros de boi, não pagava sequer o custo da conducção.

Os seringaes do Purús e do Juruá recebêrão esses lavradores desilludidos e por centenas computão-se os contos de réis pela provinvincia e pelo estado inutilmente gastos nessa tentativa de colonisar sertões inaccessiveis.

Bom Gosto é tambem uma região central, sem communicação que não a terrestre, com o centro mais perto, a cidade de Santarem, na foz do Tapajós.

Ahi se internárão, cerca de 1867, perto de 160 colonos americanos.

Entre as singulares e despropositadas idéas que tiverão homens publicos e estadistas brazileiros, avulta e sobresahe essa da immigração

americana, justamente quando os Estados-Unidos carecião ainda de população e fazião tudo por attrahi-la dos paizes onde superabunda.

O Pará entrou tambem nessa falsa corrente, sem outro resultado que o de desmoralisar o principio da immigração e de augmentar a indisposição indigena contra os estrangeiros.

Eis como um americano, o Sr. Herbert Smith, no seu excellente livro *The Amazons and the Coast*, descreve essa immigração americana:

« Em sua origem foi a colonia (do Bom Gosto, em Santarém) muito maior. Cerca de 200 pessoas para aqui vierão de Mobile, em 1866, guiadas por um tal Sr. Hastings. Foi isto pouco depois da grande guerra civil, quando a idéa da emigração para o Brazil foi muito agitada nos estados do Sul.

A gente que tinha perdido alguma cousa ardia por começar de novo em um novo sólo; o governo brazileiro animou-a a vir e pagárão-se agentes a tanto por cabeça para fazer a importação. Naturalmente estes agentes fizerão o mais brilhante quadro do Brazil, e absolutamente nada disserão sobre as difficuldades que

encontraria o immigrante. Nenhuma das colonias foi bem succedida; a de Santarém foi desde o começo pessimamente organisada; com algumas familias boas veio uma sucia de vagabundos preguiçosos, desertores do exercito e vadios de Mobile, que consideravão o negocio como uma grande aventura. Chegados a Santarém forão elles bondosamente recebidos; porém, pouco depois, o povo desgoutou-se com os seus hospedes, que brigavão constantemente e enchião a cidade da sua desordeira embriaguez.

O auxilio do governo á colonia fôra retirado; gradualmente as fezes vierão á tona, deixando a memoria da sua indignidade em prejuizo dos outros.

« As poucas familias que ficárão tiverão de arrostrar a opinião publica, e por muito tempo tiverão a pobreza de um lado e a má vontade de outro. Porém, depois, os brazileiros descobrirão que estes não erão vagabundos; aprendêrão a respeitar a sua industria e perseverança e agora, em toda a Amazonia, não ouvireis senão bem da colonia de Santarem.»

E' de lêr todo o capitulo que H. Smith consagra aos *American farmers on Amazons*. Ha nelle que aprender e aproveitar para os que se quizerem seriamente occupar da immigração estrangeira na Amazonia.

A colonia de Santarem reduz-se hoje a uns trinta individuos, se tanto, dos quaes alguns ficárão-se na cidade, abandonando a região central em que inintelligentemente os collocárão.

Não foi o clima a causa do insuccesso dessa colonisação, porém, de um lado, a pessima qualidade dos immigrantes pagos a tanto por cabeça e apanhados, salvo poucas excepções, entre a escoria das populações americanas; de outro a collocação desses immigrantes em sitio central, com desaproveitamento das facilimas communicações fluviaes que offerece a região.

Dos poucos que ficárão, alguns vivem mesmo na abastança e outros achárão-se em condições de retirar-se para o paiz natal, se não ricos, em boas condições.

Quem escreve estas linhas conhece alguns delles, vigorosos, sadios e rosados, não tendo do clima a minima queixa.

Santarém possue hoje um estaleiro de construcção naval por elles montado.

Cêrca de 12 lanchas a vapor, além de botes, galeotas e batelões, têm ahi sido feitos, vindo apenas as machinas dos Estados-Unidos.

Perfeitamente identica é a historia da colonisação franceza em Benevides e das demais tentativas que se lhe seguirão.

Para não alongar demasiado este artigo, me consentiráõ os leitores conta-la em outro.

XI

Ha cerca de 17 annos veio para o Pará, obtida tambem a tanto por cabeça, uma leva de immigrantes francezes.

Longe de os collocarem seja em situações do estado já desbravadas, como as fazendas de Marajó, o Cacoal imperial, a antiga colonia de Obidos ou outras, seja em explorações agricolas particulares, ou sequer á margem de algum rio, por onde houvessem facil, commoda e barata communicação com qualquer centro de população, estabeleceram-na em uma região central, a cinco leguas da capital, sem outra communicação que não a terrestre pelo caminho indevidamente chamado estrada de Bragança.

Lançados assim esses immigrantes em

meio dessas robustas florestas virgens, uns, raros, atirárão-se corajosamente ao durissimo trabalho de desbravar e arrotear o solo, do qual, quasi como o homem primitivo, havião de tirar a subsistencia e a vida; outros, em maior numero, desanimárão e tomárão o caminho da cidade, que percorrêrão a pé, unico meio de locomoção que tinhão, e encherão tristemente as ruas do Pará, vivendo por algum tempo da caridade publica como mendigos, até que, consequencia natural da miseria physiologica em que cahirão, os foi um a um consumindo a febre amarella, o beri-beri, o impaludismo, de concomitancia com o alcoolismo.

O resto emigrou para Cayena, ou repatriou-se.

Tal foi essa tentativa de colonisação franceza no Pará, formada de pessimos elementos, apanhados nas cidades maritimas de França e confinadas em região onde se perdeu, por falta de transportes e communicações faceis, o producto da primeira colheita, com ingente esforço e mal aventurada coragem obtido pelos raros colonos que decidirão-se a trabalhar.

A' vista deste resultado ainda alguns desses

desanimárão, desertárão o nucleo, no qual apenas meia duzia ficou vegetando.

O exodo cearense fez por um momento florescer esse nucleo, não com os seus proprios recursos ou com o producto do trabalho e da industria local, mas com as sommas enormes que consumio.

Nessa época chegou aquelle nucleo a ter, conforme dados officiaes, cerca de oito mil pessoas, e com elle, sómente pela verba «soccorros publicos», do orçamento geral, despendeu-se de 5 de Abril de 1878 a 10 de Novembro de 1880 bem perto de 753:000$000 (Relatorio do presidente Gama e Abreu.)

Não era mais possivel deixar nucleo de colonisação tão populoso sem meios de communicação e transporte. Um pequeno porto fluvial, a villa de Bemfica, estava a 9 kilometros delle. Resolveu-se a construcção de uma via-ferrea de tracção animal para alli, a qual custou 192:886$430.

Tal obra, porém, não correspondia ás necessidades do desenvolvimento do nucleo, por que não as satisfazia.

Além da via-ferrea não preencher de modo

algum o seu fim, havia ainda um longo, incommodo e custoso transbordo de mercadorias em Bemfica e sua demorada viagam pelo rio até á capital. Resultado: os productos da pequena lavoura dos colonos não suportavão os fretes e outras despezas, e estes abandonárão-na, indo procurar na borracha maiores compensações ao seu trabalho.

Alguns francezes ficárão ainda no meio de numero já muito reduzido, mas ainda avultado de familias cearenses, que se ficárão guardando os lotes e alimentando as mofinas plantações emquanto seus chefes e membros ião á seringa, a ganhar em quatro ou seis mezes com que viver o anno.

Veio a estrada de ferro de Bragança, o maior erro economico que jamais commetteu a antiga provincia do Pará.

O nucleo de Benevides, apezar dessa estrada e de ser elevado á categoria de povoação, não melhorou nem progredio muito. E' visivel o seu estacionamento, se não decadencia.

Cumpre notar, porém, o facto, que vem em apoio da minha these, que sómente quatro ou seis francezes, que teimárão, possuem alli

plantações (de canna de assucar) relativamente importantes, e alguma cousa têm feito.

Quem destruio e inutilisou aquella immigração não foi, portanto, o calumniado clima da Amazonia, senão a incuria ou desaso com que se obteve immigrantes da peior casta, esses cuja sahida as autoridades locaes protegem, e se os collocou em região completamente virgem, central, sem meios de communicação.

Mas, não bastou esta lição.

Reincidio-se.

No meiado do decennio de 1880 a 1890 mandárão-se vir dos Açores algumas familias, a tanto por cabeça.

Chegadas que forão, embarcárão-nas em um comboio da estrada de ferro de Bragança e levárão-nas para o sitio de um novo nucleo que querião formar, além do de Benevides, no lugar baptisado Americano.

Chegados lá, nem um, que o leitor leia bem — nem um — desses immigrantes quiz desembarcar no meio dessas virgens florestas

apenas desbastadas nas propinquidades da via-ferrea e obrigárão o comboio a retroceder.

Entre esses açorianos, havia alguns hespanhóes e um delles dizia a notavel cavalheiro do estado que desanimárão diante do trabalho de abater florestas cujas arvores parecião *unas catedrales*.

Agora mesmo faz-se no Pará, com o peior successo, nova tentativa de colonisação em região central, porém, servida pela referida estrada de ferro, e por conta do estado, procurando aproveitar uma porção de immigrantes de todas as raças e linguas, que— diz-se alli — batidos pela miseria argentina, chegárão desde o Rio da Prata, por S. Paulo e o Rio, que os recusárão, até o Amazonas.

A imprensa local abunda de reclamações e protestos contra taes immigrantes, aos quaes se devem desordens, rixas, roubos e até mortes.

Eis, em toda a verdade, descripto o modo por que tem sido na Amazonia encarado e realisado o problema de immigração.

Não é, pois, o problema que é insoluvel, senão os encarregados de resolve-lo que não têm sabido faze-lo.

As questões de immigração, mesmo em o nosso paiz, têm sido por tal modo estudadas que, póde-se affirmar, assentada está a sua parte theorica.

Condemnada a colonisação pelo estado, condemnada a immigração a tanto por cabeça, assentado que o immigrante que serve é o espontaneo, determinados quaes os deveres do estado, a passagem gratuita, o primeiro e temporario alojamento e os primeiros auxilios, estabelecidas as regras variaveis conforme a região a que se destinão, só resta praticar com discernimento taes principios.

A Sociedade Central de Immigração, nada obstante a sua systematica e erradissima preoccupação de colonisar o Sul, com inteiro esquecimento e descredito do Norte, tem prestado a este respeito importantes serviços, estabelecendo as bases e principios de um systema de immigração e colonisação a seguir.

Assentadas as perfeitas condições de salubridade da Amazonia, da acclimatação do estrangeiro, ao menos em determinadas e extensissimas porções dessa região, resta vêr quaes os estrangeiros que melhor a ella se adaptarião

e quaes as condições em que deveria ser systematicamente tentada a sua introducção.

Certo, as raças do Norte devem ser eliminadas. O exemplo citado por Wallace e Bates, da robustez e vigor de inglezes e americanos vivendo no Pará, não basta para aconselhar a vinda desses individuos. A vida que levão é a de negociantes, em cidades, em boas condições de hygiene e conforto.

Além da immigração nacional, dos estados mais pobres que lhe ficão ao sul e que já se faz em notavel escala, sem contar o Ceará, do Maranhão, do Piauhy e do Rio Grande do Norte, póde a Amazonia receber os filhos das regiões quentes do sul da Europa, Portugal, Hespanha, sul da França e Italia.

Tendo apenas com um destes paizes, Portugal, navegação directa, cumpre-lhe estabelela com os demais.

Eu considero o primeiro e indispensavel passo para a resolução desta questão o estabelecimento de uma linha regular de paquetes a vapor que de Manáos fosse até Genova, com escalas pelo Pará, Lisboa, Barcelona e Marselha.

A União ou os dous estados interessados terião de subvencionar a companhia que resolvesse estabelecer essa linha, não só para ella poder manter-se, pois nos primeiros tempos pequeno seria o seu lucro, como para obter della passagens gratuitas para os immigrantes.

As mais medidas são, como disse, conhecidas:

o estabelecimento de hospedarias onde fossem recebidos e alojados durante periodo certo;

os primeiros auxilios em certa porção de terra não completamente inculta, e no fornecimento dos utensilios e objectos mais essenciaes á lavoura;

envidarem os dous estados os meios de os collocarem de preferencia em estabelecimentos agricolas particulares ou em regiões facilmente cultivaveis ou já cultivadas, de propriedade do estado, como aquellas que citei.

Mais do que nas regiões do sul é indispensavel ao exito de qualquer tentativa de immigração na Amazonia que esse problema não seja alli tratado com a indifferença, a ignorancia, o desmazelo burocratico.

E' preciso que haja no governo dos dous estados e nos funccionarios desse serviço encarregados verdadeiro interesse pelo seu bom resultado.

Parece-me tambem que o immigrante europeu deve ser systematicamente afastado das industrias extractivas, cujo trabalho se effectua nas regiões menos salubres da região, e nas peiores condições hygienicas.

A borracha exercerá tambem a sua attracção sobre elle; cumpre furta-lo a ella.

A lavoura compensará largamente o seu trabalho, se quizer trabalhar.

A do cacáo afigura-se-me eminentemente propria ao immigrante europeu: como mostrei, é facil, commoda e remuneradora.

Todo o seu trabalho faz-se á sombra, e, circumstancia a considerar para o immigrante, nelle se podem occupar crianças de seis ou sete annos.

Nem se diga que o trabalho agricola nessas regiões equatoriaes é impossivel ao europeu do sul que para elle recommendamos; ahi está a maravilhosa colonisação portugueza do Brazil para provar o contrario.

« A respeito do clima eu disse já bastante, concluirei com A. Wallace; e repito que um homem póde trabalhar tão bem aqui como nos mezes quentes de verão na Inglaterra, e que se elle apenas trabalhar tres horas de manhã e tres de tarde, produzirá mais para o necessario e conforto da vida do que em doze horas de trabalho no paiz natal.» (Obr. cit. pag. 80).

XII

Tal é, em escorço rapido, e sómente em alguns dos seus elementos, considerada essa região, da qual não duvidou augurar Humboldt que nella mais cedo ou mais tarde se havia de concentrar a civilisação do globo.

Longuissimo fôra minuciosamente noticiar cada um dos aspectos —tão variados todos e tão originaes e curiosos alguns— por que merece ser encarada essa porção do Brazil. Por isso, pondo de parte todos os outros, não levámos em vista senão os que se nos afigurárão mais momentosamente dever ao leitor brazileiro interessar.

Ha um bello livro, um livro nacional, a

fazer sobre essa região, como sobre outras do Brazil.

Minas, S. Paulo, Rio-Grande, Bahia, têm, cada uma, a sua originalidade propria e, apezar da nossa caracteristica indifferença pelas cousas patrias, não sei se livros, feitos com amor e com talento, sobre cada um desses estados, não serião bem vindos e bem acolhidos.

E', porventura, a Amazonia a região do Brazil que mais tem sido visitada, viajada, explorada e estudada por geographos e scientistas, estrangeiros e nacionaes, dos mais afamados e illustres.

Entre os primeiros contão-se o famigerado Alexandre de Humboldt, e sem preoccupação de merito relativo, ou ordem chronologica La Condamin, Martis que escapou de perecer afogado no Amazonas, (de que existe memoria no Christo Cruxificado de bronze, que desde Munich offereceu á matriz de Santarem) o principe Adalberto da Prussia (a quem acompanhava o então conde e depois famoso principe de Bismarck) Castelneau, A. R. Wallace, Bates, Agassiz, Orton, Herudon et Gibbon, Ch. Hartt, Chadler, Créveaux e outros.

Brazileiros contão-se o celebre Alexandre Rodrigues Ferreira, cujas preciosas memorias estão ainda, pela maior parte ineditas, na Bibliotheca Nacional, Pereira Penna (talvez o mais profundo sabedor da geographia paraense), Coutinho, Barbosa, Rodrigues, Araujo Amazonas, Costa Azevedo (barão do Ladario) e alguns mais.

A dominação portugueza, como já disse, foi solicita pela Amazonia, e durante o periodo colonial, além das famosas commissões demarcadoras de limites, estudárão-na, « por ordem muito recommendada de Sua Magestade » consoante o phrasear de tempo e dos mesmos exploradores, diversos sujeitos e expedições, com esse fim enviados da metropole ou escolhidos dentre os capitães da colonia.

Farta mésse, portanto, ha já colhida de informações geographicas, interessando a região e, triste verdade para nós, o que mais falta são os dados contemporaneos, que ao seu ultimo desenvolvimento economico, ethnologico e social se referissem.

Aos preciosissimos livros, memorias, chronicas, relações e viagens dos autores citados ou

alludidos, póde o leitor curioso recorrer, se melhor e mais cabal conhecimento dessa região desejar.

Meu intuito não foi, ingenuamente o direi, senão, dando algumas noticias menos sabidas e mais recentes sobre o aspecto economico da Amazonia, suscitar para ella a attenção publica, e do mesmo modo posso dizer quanto della é credora e quanto importa á União não menos presar a quiçá mais futurosa parte da nossa federação aquella justamente que, geographica, historica e economicamente, mais elementos possue de vida autonoma, a animar-lhe as velleidades de desunião e as aspirações de autonomia, acaso não de todo satisfeitas.

Nunca se me affigurou mais necessario o estudo das nossas cousas do que neste momento historico de reorganisação da patria, que devia tambem ser em factos e não em palavras, em obras e não em promessas, de sua regeneração e reforma.

Não ha negar que a funesta lacuna da falta de espirito nacional em a nossa educação publica, e a singular e doentia predilecção pelas cousas exoticas que é tão nossa, deixárão-nos

em uma lastimavel ignorancia das cousas patrias, privando-nos dos elementos necessarios, indispensaveis mesmo a essa tarefa do estadista que, segundo conceitúa um pensador democrata, compete em todo o paiz livre a cada um dos cidadãos.

Por isso, podem talvez ter tido estes artigos interesse e utilidade, nada obstante a incompetencia e o desbrilho com que forão escriptos.

Estudando em ligeiro escorço e quasi que apenas sob um unico aspecto a Amazonia, julgo haver deixado claro que entre os estados do Brazil nenhum se avantaja em riqueza, incalculavel e sempre progressiva, a essa região, que, embora politicamente dividida em dous grandissimos estados, é geographica, historica e economicamente uma.

A peculiar feição do seu caracter historico e geographico, em que insisti, deve pôr de sobre-aviso não só os governos locaes para, longe de facilitarem o desenvolvimento da idéa separatista que alli, como em S. Paulo, como no Rio-Grande, é incontestavel, existe—applicarem-se ao contrario em dirigir-lhe a evolu-

ção progressiva e social no sentido da maior e mais cordial unidade da grande patria brazileira, e tambem o governo federal a quem mais importa e compete conservar essa grande obra, que foi a dos nossos pais, de perpetua-la, engrandecendo-a.

O povoamento da Amazonia é a mais urgente necessidade da região na qual, como disse, não ha sequer 0.26 de habitantes por kilometro quadrado, mesmo exagerando até 800.000 os seus habitantes.

Além do elemento estrangeiro, poderia a Amazonia haurir novos recursos em braços e esforços que lhe lavrassem o solo, na maxima parte deserto, e lhe valorisassem as indiziveis e quasi perdidas riquezas nos proprios elementos indigenas selvagens, quasi desprezados, e nas populações de outros estados, menos providos de recursos.

Cabe aos homens politicos dos dous estados, do Pará e do Amazonas, a solução destes problemas, de tanta relevancia para o seu futuro.

O que esse futuro será não é dado prever.

Quando, porém, se considera que me-

diante a sua collossal arteria fluvial, o Amazonas e a maravilhosa e utilissima rêde hydrographica que ao redor delle se fórma, esses dous estados têm como forçados tributarios não só grande parte do Brazil, mas toda a região cisandina do norte da America do Sul, quando se attende que, mediante o Tocantins, o Xingú e o Tapajós, são seus dependentes o Maranhão meridional e a mór parte de Goyaz e de Mato-Grosso, que pelo Madeira e sua bacia domina a maior parte da Bolivia, que com o Javary, o Amazonas não brazileiro e os seus affluentes drena em proveito do Brazil todos os productos peruanos de áquem Andes, que, graças ao Içá, ao Caquetá e os seus affluentes do Negro, vai quasi ao mar Pacifico e ao das Antilhas attrahir e facilitar a sahida e o escambo da riqueza do Equador, da Colombia e da Venezuela, é licito acreditar com o mais profundo e discreto sabedor do nosso seculo que «na Amazonia se concentrará mais cedo ou mais tarde a civilisação do nosso globo».

Typ. do «Jornal do Brazil», de H. de Villeneuve & C.

VIII 67

fila 21

Brasil, Estados do Norte

Amazonas.

X nov

Enc. S.P. nº 10693

Dr. Rubens Borba

de Moraes

Ncr$ 80,00

18150